

# ANTARES ANTARES Letras Humanidades

## O desassossego religioso de Fernando Pessoa\*

The religious disquiet of Fernando Pessoa

Brunello Natale De Cusatis\*\*

### Resumo

Indubitavelmente, a dimensão religiosa é uma presença fundamental no pensamento e na obra de Fernando Pessoa, senão mesmo uma das suas temáticas preferidas. Ao mesmo tempo, é preciso sublinhar como a religiosidade pessoana, acompanhada de um evidente pessimismo existencial, seja bastante contrastante e, como tal, possa ser definida “desassossegada”. Daqui o afundar-se numa terrível inquietação, vivida – ele que se definiu um “cristão gnóstico” – como uma tragédia insuportável. O objetivo do presente estudo será compreender esse “desassossego” religioso de Fernando Pessoa, indagando, prevalentemente, não o que “não aparece”, o *subjacente* – ou seja, o iniciático e o oculto –, mas sim o que “aparece”, o *sobrestante* e, portanto, o que pode ser considerado “imanente”.

### Palavras-chave

Literatura portuguesa; Fernando Pessoa; desassossego religioso

### Abstract

Undoubtedly, the religious dimension is a crucial presence in the thought and work of Fernando Pessoa, if not one of his favourite themes. At the same time, it should be stressed as the Pessoa religiosity, accompanied by a clear existential pessimism, be very contrasting and, as such, can be defined “disquiet”. Hence the sinking into a terrible restlessness lived from him – who defined himself a “Gnostic Christian” – as an unbearable tragedy. The aim of this paper is to understand that this religious “disquiet” of Fernando Pessoa, inquire, predominantly, not what “does not appear”, the underlying – i.e. the initiation and the occult – but what “appears, the overlie and therefore which can be considered as “immanent”.

### Keywords

Portuguese literature; Fernando Pessoa; religious disquiet

---

\* Artigo de autor convidado. Reelaboração de uma comunicação apresentada no III Congresso Internacional Fernando Pessoa, Lisboa, 28-30 Novembro 2013.

\*\* Doutor em Língua e Literatura Portuguesa pela Università degli Studi di Perugia, Itália. Professor Titular e responsável pelas cátedras de Línguas e Literaturas Portuguesa e Brasileira e Presidente da Comissão Didática dos Cursos de Graduação e Pós-graduação de Línguas e Literaturas Estrangeiras no Departamento de Letras da Università degli Studi di Perugia.

NÃO DIGO NADA DE NOVO AO AFIRMAR QUE DOS TERMOS “inquietude” e “inquietação”, como também do termo “desassossego” – sinónimo dos primeiros dois, não obstante se trate, como refere Richard Zenith no seu prefácio ao *Livro do desassossego*, “de uma palavra simultaneamente comum e misteriosa, rica em matizes significativos e sem um bom equivalente noutras línguas” (ZENITH, 2013, p. 13) –, descende, qualquer que seja entre eles o termo utilizado em português, um importante e particular estado de ânimo que é uma presença constante na vivência de Fernando Pessoa e, conseqüentemente, no interior de toda a sua obra.

De facto, tal tipo de emoção, que não representa senão que o tema existencial em veste problemática, desde sempre – dos alvares da própria Humanidade – acompanhou o homem, “animal inquieto” por natureza.

Como é sabido, etimologicamente, o termo “inquieto” provém do latim *inquiētus*, ou seja, o ser “perturbado”, “insatisfeito”, “descontente”, o viver em “agitação constante”. O inquieto, conseqüentemente, é ou será quem, através da razão, procura a verdade, isto é, procura um sentido total da vida e não o encontra – a pacificação que para Santo Agostinho só em Deus pode ser encontrada. Por isso, no seu significado, senão propriamente “mais verdadeiro”, decerto naquele “mais profundo” e “mais elevado”, a inquietude é “energia pura”, a qual, quando se acumula para além do limite da suportação humana, acaba por explodir, determinando profundas mudanças na nossa vida. No entanto, se a conseguimos “contentar” e “dosar”, ao mesmo tempo, pode-nos conceder a possibilidade de uma maior compreensão de nós próprios, das nossas emoções mais profundas e mais verdadeiras. Dito doutro modo, a inquietude torna-se qualquer coisa de simultaneamente positiva e necessária, se tivermos a capacidade de a “domar”, de a “ter sob controlo”, de a “escutar,” nas doses corretas; caso contrário, está destinada a tornar-se em qualquer coisa de inconcludente que decai, mais tarde ou mais cedo, em depressão; com todas as graves conseqüências que um estado depressivo comporta, incluindo o anulamento “material”, a morte, noutras palavras, a que a pessoa aflita de tal estado emotivo alcança através do suicídio nas suas várias formas – recordando apenas alguns exemplos de “ilustres” suicidas portugueses, vem de imediato à mente Antero (que se suicida de modo “lúcido” e “direto” com dois tiros de pistola), Herculano (que se suicida, à maneira de alguns monges, com o autoisolamento na sua quinta em Vale de Lobos) e o próprio Pessoa (que se suicida gradualmente, como sempre acontece a todos os alcoolistas crónicos).

Isso explica a necessidade de tomar consciência sob qual ponto de vista a inquietude deve ser analisada. Se se opta por considerá-la num contexto psicanalítico – decerto aquele que prevalece atualmente – a inquietude não é senão um sintoma ou presságio de outras manifestações, as quais minam a harmonia pública ou familiar e, portanto, nestas circunstâncias, a inquietude deve ser considerada, a todos os efeitos, uma condição patológica, uma doença. Se, pelo contrário, depuramos o termo de qualquer tipo de resíduos ligados quer ao stress (no sentido de uma condição psíquica que, ao exercitar estímulos danosos ao organismo, provoca reação), quer a ânsias opressivas, a expectativas frustradas, a desejos desiludidos, eis que o ponto de vista através do qual observar a inquietude se torna filosófico: o ponto de vista correto, num certo modo, já que – a meu ver – toca à filosofia abrir caminho à verdadeira essência da inquietude que, nesse caso, pode-se definir como uma constante tensão do pensar e do agir ético, objeto desde sempre da filosofia.

A própria cultura, em geral, é manifestação de inquietude. Essa afirmação é tão verdadeira que, em qualquer época, todos os grandes artífices quer da filosofia, quer da literatura e das artes, foram “homens inquietos”. Isso porque a inquietude é um estado de ânimo formado por várias “categorias” ou, dito doutro modo, fazendo minhas as palavras de Duccio Demetrio – conhecido académico e escritor italiano, professor catedrático de Filosofia da Educação e de Teoria e Prática da Narração –, é um estado de ânimo caracterizado por

uma oscilação contínua entre o significado da vida, a percepção da morte, a consciência da perda e do passar inexorável do tempo. Nietzsche representa a posição filosófica por excelência, aquela aproximação extrema à inquietude por ele conseguida no momento em que decreta a morte de Deus (DEMETRIO, 2009).

É óbvio que uma cultura que “escape” à inquietude e, por consequência, não se confronte com o negativo, com o mal, não só se fecha em si mesma, afastando-se do conhecimento, como igualmente por anular os “caminhos da ética”.

O grande filósofo e psicólogo, bem como enciclopedista e economista, Étienne Bonnot de Condillac (1715-1780) – aliás citado por Pessoa no *Livro do desassossego* (PESSOA, 2010, p. 296-298) e que, lembro, particularmente no seu *Tratado sobre as sensações*, de 1754, defendia a conjunção entre sensismo gnosiológico e espiritualismo, uma conjunção através da qual pôde teorizar a existência de Deus e a imortalidade da alma – pois bem, Condillac fala de inquietude ou de tormento em presença da privação de qualquer coisa que se deseja intensamente. Partindo da formulação do conhecido

filósofo francês, podemos afirmar que a inquietude é, por excelência, a que tem origem na tentativa de conhecer o que não é passível de ser conhecido, de sondar a vida para além do espaço humano, do nosso tempo finito e que, por isso, nos conduz à sua essência mais profunda, àquela religiosa.

Ora, tendo bem presente e claro um tal quadro e se nos quisermos servir dele para encetar um estudo sobre o desassossego, sobre a inquietude de Fernando Pessoa, quer em termos gerais, quer, e sobretudo, em termos religiosos, surge imediatamente a questão de qual seja ou possa ser o melhor ponto de vista para observar esse seu estado de ânimo: de um ponto de vista psicanalítico ou filosófico? À primeira vista, a perspectiva psicanalítica parece preferível, e isso tendo em consideração o presumível desequilíbrio mental que o próprio Pessoa se atribuía e que lhe proporcionava não poucos tormentos, mas, também, graças sobretudo à sua heteronímia (não importa se em parte deliberada ou se totalmente espontânea e sincera), uma excepcional e singular fecundidade literária. Ao mesmo tempo, ocorre, todavia, sublinhar como o ponto de vista psicanalítico comporta uma “visão” parcial ou, pelo menos, não completa da “condição inquieta” de Pessoa. Concretamente, isso vale quanto à sua inquietude religiosa, ao seu desassossego religioso, para o qual o ponto de vista filosófico pareceria o mais adequado, se pensarmos que a religião, por ser sinónimo de crença e de culto, de sentimento e de ligação, conduz à reflexão e ao agir ético, sem que tal implique, pelo menos no caso de Pessoa, “soluções definitivas”, já que – como bem sabemos – em Pessoa quase nada é “definitivo”, por ser a sua “pesquisa” um longo caminho feito de perguntas, de postulações e de dúvidas, e não certamente de respostas.

Uma outra questão importante – a prescindir do ponto de vista ou do contexto escolhido para proceder à observação e ao estudo do desassossego pessoano, o religioso especificamente – é a que se liga com as tipologias de “categoria” que caracterizam ou poderão caracterizar o “estado de ânimo inquieto” em Fernando Pessoa. Por exemplo, a sua inquietude conduz somente à consciencialização da incompletude e da falácia do homem, bem como da perda e do passar inexorável do tempo? Se assim fosse, será possível medir a intensidade de tal consciência, cujo limite extremo, numa sociedade técnica e materialista incapaz de revelar a verdade, conduz à perda de objetivos e de sentidos, àquele niilismo que tudo absorve, consome, engole? Quer os conceitos de indivíduo, identidade e liberdade, de história e política, quer os conceitos de religião e ética? E ainda, dando como certo que, se não a vontade, pelo menos a tentativa de

“vencer” tal niilismo está presente em Pessoa, onde consegue ele obter motivações e forças para tal?

Sem dúvida, são questões complexas que por si só implicariam, para quem as quisesse enfrentar na sua plenitude em um ensaio, uma dificuldade e um esforço notável. Resulta, por conseguinte, absolutamente impensável fazê-lo durante um breve artigo. Por isso, limitar-me-ei a referir algumas das principais argumentações em que basearei a minha análise relativamente a tais questões, deixando a exposição detalhada para outra ocasião.

Estou perfeitamente de acordo com Jerónimo Pizarro, quando num seu artigo de há dez anos, publicado em *Leituras*, ao enfrentar o tema do génio e da loucura em Fernando Pessoa e, contextualmente, da oportunidade de não separar o “literário” do “científico”, afirma: “O caso Pessoa também é um caso de incompreensão, que é tratado como um espécimen e posto de parte. Ou então, é tratado com tanto respeito, que só nos resta consagrá-lo” (PIZARRO, 2004-2005, p. 4 e 10).

Ora bem, já que não é minha intenção percorrer nem um nem outro “caminho”, circunscreverei as minhas interpretações, e de modo a não invadir campos – como o da psiquiatria principalmente –, que, para além de não entrarem nas minhas competências específicas, são desviantes do objetivo e, em particular, dos princípios norteadores do meu artigo.

A minha intenção é a de conseguir compreender o desassossego religioso pessoano indagando não o que “não aparece”, o subjacente – ou seja, o iniciático e o oculto de modo particular – mas indagando o que “aparece”, o sobrestante, o que pode ser considerado imanente. Assim, para poder proceder segundo tal pressuposto, ocorre seguir Pessoa examinando partes da sua obra. Todavia, da sua obra, sou da opinião de que aquela poética se adapte menos a este objetivo, e mais não seja porque uma coisa é o que ele como poeta pensa, outra coisa é o que ele sempre como poeta sente: característica típica de Pessoa, na veste de grandíssimo poeta, mas que – no meu entender, pelo menos – às vezes pode criar confusão, dúvidas, dificuldades interpretativas. Portanto, querendo analisar em profundidade o seu desassossego religioso, a minha convicção é que ocorre prestar particular atenção às suas páginas diarísticas, ao seu epistolário, a alguns seus artigos e apontamentos e escritos fragmentários que – como bem sabemos – quase sempre se relacionam com projetos de

estudos iniciados e nunca terminados, incluindo, também, vários trechos de *O regresso dos Deuses*, de António Mora, e do *Livro do desassossego*, de Bernardo Soares.

Mesmo na parte inicial de um trecho – aliás muito conhecido e citado – do *Livro do desassossego* podemos ler:

Pertença a uma geração que herdou a descrença no facto cristão e que criou em si uma descrença em todas as outras fés. Os nossos paes tinham ainda o impulso credor, que transferiam do christianismo para outras formas da ilusão. [...]

Tudo isso nós perdemos. [...] Cada civilização segue a linha intima de uma religião que a representa: passar para outras religiões é perder essa, e por fim perdê-las a todas.

Nós perdemos essa, e ás outras também.

Ficámos, pois, cada um entregue a si-proprio, na desolação de se sentir viver. Um barco parece ser um objecto cujo fim é navegar; mas o seu fim não é navegar, senão chegar a um porto. Nós encontrámo-nos navegando, sem a idéa do porto a que nos deveríamos acolher. Reproduzimos assim, na especie dolorosa, a formula aventureira dos argonautas: navegar é preciso, viver não é preciso. [...] (PESSOA, 2010, p. 142-143).

São afirmações, tal como outras do mesmo teor dispersas nos seus numerosos escritos fragmentários, que não deixam detetar nenhuma prospetiva positiva em relação ao conceito de Deus em Pessoa.

É notório come ele se tenha sempre expresso negativamente contra a Igreja Católica e, por consequência, contra o Papado de Roma, por ele considerado usurpador de um conhecimento que oprime, em vez de libertar. Apesar disso, já que herdeiro do Ocidente Cristão (bem sabemos, aliás, que no decurso de vários momentos da sua vida – até no ano da sua morte, como explicitado na *Nota biográfica* de 30 de Março de 1935 – se definia como “cristão gnóstico”), Fernando Pessoa, nas palavras do filósofo e teólogo Samuel Dimas,

não é alheio à posição do Cristianismo, segundo a qual não se pode fazer do saber humano, do saber finito das ciências, algo de absoluto, capaz de todas as respostas. As verdadeiras virtudes do homem baseiam-se no emocional, isto é, na dimensão daquele que acredita, daquele que ama e espera. Algo que não é irracional mas supra-razional (DIMAS, 1998, p. 20).

Absolutamente convincentes – a meu ver – essas palavras de Samuel Dimas, das quais encontramos confirmação em várias notas ou textos fragmentários filosóficos pessoanos. Em um deles, manuscrito e datado de 1914, podemos ler:

Deus é o sentido para onde tendem todas as inteligências que governam este mundo contra a vontade satânica da sua matéria inerte. Como o ponto para onde tendem existe já, porque o tempo é uma ilusão, Deus é; como tendem para a absoluta Perfeição, Deus é a Perfeição absoluta; como tendem para a Suprema Beleza, Deus é a Beleza Suprema. O Universo está já onde estará, e já isso, é Deus (PESSOA, 1994, p. 110).

Confrontando esse fragmento com o citado anteriormente, deparamo-nos, como é óbvio, com duas posições divergentes em relação ao conceito de Deus, o que, conhecendo o “sujeito Pessoa”, não deve e não pode, todavia, maravilhar. De facto, como teve oportunidade de salientar Jacinto do Prado Coelho, toda a obra de Fernando Pessoa contém indícios de um drama que tem origem na convergência, no mesmo homem, de um irreduzível ceticismo e de um intenso e angustiante desejo de Absoluto (COELHO, 1990, p. 12).

Portanto, não se pode duvidar de que a inquietude religiosa, o desassossego religioso seja o verdadeiro motor da obra de Fernando Pessoa, como demonstra, aliás, uma sua prece manuscrita, provavelmente de 1912, isto é, do ano em que se daria a conhecer como escritor. Nela pede ao Senhor, “que [é] o céu e a terra, que [é] a vida e a morte”, que lhe conceda “alma para [o] servir e alma para [o] amar. [...] vista para [o] ver sempre no céu e na terra, ouvidos para [o] ouvir no vento e no mar, e mãos para trabalhar em [seu] nome”; e que o torne “puro como a água e alto como o céu”. Para acabar depois, no fim da prece, com um angustiante “Senhor, livra-me de mim!” (PESSOA, 1966, p. 61-62), que lembra muito de perto a fórmula descendente da antiga liturgia católica moçárabe – fórmula que se encontra, também, em Santo Agostinho (*Confissões* I, 5.6) – *Ab occultis meis munda me, Domine*, ou seja, “Dos meus pecados escondidos purifica-me, ó Senhor”.

## Referências

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 10. ed., Lisboa: Verbo, 1990.

DEMETRIO, Duccio. [Entrevista por Graziella Arazzi] *Filosofia inquieta o inquietudine dei filosofi*. 2009. Disponível em: <http://www.circoloinquieti.it/la-civetta-online/interviste/filosofia-inquieta-o-inquietudine-dei-filosofi-intervista-a-duccio-demetrio/>.

DIMAS, Samuel. *A intuição de Deus em Fernando Pessoa*. 25 Poemas Inéditos. Lisboa: Didaskalia, 1998.

PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Jacinto Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Lisboa: Edições Ática, 1966.

\_\_\_\_. *Textos filosóficos*. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa: Edições Ática, 1994. Obras completas de Fernando Pessoa. Vol. II.

\_\_\_\_. *Livro do desasoscego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Vol. XII. Tomo I.

PIZARRO, Jerônimo. Fernando Pessoa: o gênio e a loucura. In: *Leituras*. Revista da Biblioteca Nacional. Lisboa, S. 3, n. 14-15: 1-10. 2004-2005.

ZENITH, Richard. *Prefácio*. In: PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. 6. ed., Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Edição de Richard Zenith. Porto: Assírio & Alvim [chancela da Porto Editora, Ltda.], 2013. p. 9-26. Obra Essencial de Fernando Pessoa.